

A SITUACIONALIDADE HISTÓRICA E A EXTERIORIZAÇÃO DO DISCURSO EM FOUCAULT E KITTLER: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

THE HISTORICAL SITUATIONALITY AND THE EXTERNALIZATION OF DISCOURSE IN FOUCAULT AND KITTLER: SIMILARITIES AND DIFFERENCES

LA SITUACIONALIDAD HISTÓRICA Y LA EXTERNALIZACIÓN DEL DISCURSO EN FOUCAULT Y KITTLER: SIMILITUDES Y DIFERENCIAS

Rodrigo Miranda Barbosa ¹
rodrigo.mbarbosa@ufpe.br

Maria Roseane de Oliveira Cavalcanti ²
roseane.cavalcanti@ufpe.br

Diego Gouveia Moreira³
diego.moreira@ufpe.br

RESUMO

O artigo tem como proposta analisar os entrecruzamentos entre as trajetórias intelectuais de Foucault e Kittler. Para isso, resgata a bibliografia, buscando identificar em que medida Foucault influenciou Kittler e em que momentos Kittler diverge da abordagem foucaultiana, desenvolvendo sua própria análise de discurso. Em linhas gerais, atesta-se que Foucault tem como enfoque inquietações particulares, de objetos excepcionalmente demarcados. Foucault responde a essas questões pela análise do discurso e suas condições

¹ Professor do Núcleo de Design e Comunicação (NDC) e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Inovação Social (Póscom) do Centro Acadêmico do Agreste (CAA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Inovação Social (Póscom) do Centro Acadêmico do Agreste (CAA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

³ Professor do Núcleo de Design e Comunicação (NDC) e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Inovação Social (Póscom) do Centro Acadêmico do Agreste (CAA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

históricas. Kittler, por outro lado, foca no discurso literário e nas mídias, vendo nelas a materialidade dos canais de mediação.

Palavras-chave: Foucault. Kittler. Situacionalidade histórica. Arqueologia.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the intersections between the intellectual trajectories of Foucault and Kittler. To this end, it reviews the bibliography, seeking to identify to what extent Foucault influenced Kittler and at what points Kittler diverges from the Foucauldian approach, developing his own discourse analysis. In general terms, it is argued that Foucault focuses on particular concerns, on exceptionally demarcated objects. Foucault answers these questions through the analysis of discourse and its historical conditions. Kittler, on the other hand, focuses on literary discourse and the media, seeing in them the materiality of the channels of mediation.

Key words: Foucault. Kittler. Historical situationality. Archaeology.

RESUMEN

Este artículo analiza las intersecciones entre las trayectorias intelectuales de Foucault y Kittler. Para ello, revisa la bibliografía, buscando identificar en qué medida Foucault influyó en Kittler y en qué puntos este último diverge del enfoque foucaultiano, desarrollando su propio análisis del discurso. En términos generales, se argumenta que Foucault se centra en preocupaciones particulares, en objetos excepcionalmente delimitados. Foucault responde a estas preguntas mediante el análisis del discurso y sus condiciones históricas. Kittler, por otro lado, se centra en el discurso literario y los medios de comunicación, viendo en ellos la materialidad de los canales de mediación.

Palabras clave: Foucault. Kittler. Situacionalidad histórica. Arqueología.

1 INTRODUÇÃO

Kittler é frequentemente abordado ora como um teórico da mídia, ora como um dos precursores do pós-estruturalismo na Alemanha. No entanto, os interesses iniciais do filósofo, na década de 1970, não atravessavam as mídias. A própria palavra “mídia” era raramente empregada em suas publicações (Winthrop-young, 2011, p. 1). Advindo de uma tradição literária, seu enfoque era centrado na análise de discurso, primariamente de textos literários, a partir de uma abordagem arqueológica foucaultiana. O interesse nas tecnologias de mediação surgiu apenas na segunda fase de seu pensamento, na década de 1980. São precisamente os trabalhos desse período considerados suas maiores contribuições e a parcela de suas publicações com o maior número de traduções. No entanto, é a terceira e última fase de seu pensamento que lhe é mais cara, fase esta centrada em uma genealogia, ontologicamente orientada, das técnicas da cultura (*Kulturtechniken*). É nesse período que Kittler se volta, especialmente, à Antiguidade grega (Winthrop-young, 2011, p. 1-3).

Com efeito, essa divisão da trajetória intelectual kittleriana é bastante próxima das divisões do pensamento foucaultiano, que é frequentemente fragmentado em três períodos: um arqueológico, seguido por um genealógico e por fim, uma etapa voltada para o cuidado ou governo de si, em que um Foucault, diante da proximidade da morte, se volta para uma análise que remonta à Antiguidade greco-romana para demonstrar a gênese das técnicas de subjetivação, ou “técnicas de si” na constituição do sujeito moral. O interesse de Foucault, nessa fase, é de analisar os procedimentos que fixam a identidade dos indivíduos, em um processo de subjetivação, que nasce a partir do domínio e conhecimento de si (Machado, 2006, p. 170). Ou seja, ele se preocupa, grosso modo, em entender como a compreensão de si mesmo pode levar o próprio sujeito a se constranger ou passar a praticar algumas ações, independentemente de estruturas coercitivas que instigam ou proíbem certos comportamentos.

De fato, Foucault é frequentemente apontado como uma das principais influências para a consolidação da trajetória intelectual de Kittler, junto a Lacan, Derrida, e algumas vezes a McLuhan (Wellbery, 1990, p. xi; Winthrop-young; Wutz, 1999, p. xvi). Em vista disso, o interesse desta pesquisa se volta para o desvelamento das aproximações e

distanciamentos entre os pensamentos de Foucault e Kittler. O estudo se dedica a identificar em que medida Foucault serviu como consolidador de uma ótica discursiva e pós-estruturalista, apropriada por Kittler, e em que momentos este rompe com a abordagem foucaultiana, desenvolvendo uma análise de discurso a seu modo.

Posto isto, a pesquisa se divide em dois momentos. Inicialmente, introduzimos a premissa da situacionalidade histórica, que atravessa de modo extensivo o trabalho de ambos os autores. Em um segundo momento, discorremos de modo mais aprofundado sobre o pensamento tanto de Foucault como de Kittler, com o intuito de identificar aproximações e distanciamentos.

2 A SITUACIONALIDADE HISTÓRICA

A premissa principal que entrecruza os pensamentos de Foucault e Kittler é a situacionalidade histórica, isto é, a ideia de que os conhecimentos e saberes são localizados historicamente — têm um contexto ou situação histórica específica em que operam. O interesse de Foucault pela historicidade atravessa boa parte de seu trabalho e pode ser observado desde a fase arqueológica até a considerada última fase do pensamento foucaultiano, a do cuidado de si. De modo conciso, o pensamento de Foucault é dividido em três momentos: o arqueológico, o genealógico e o do cuidado de si.

A fase arqueológica é marcada pela introdução e desenvolvimento do método arqueológico, que visa investigar as condições de possibilidade históricas que tornaram o surgimento de um saber possível. Por sua vez, na fase genealógica, o interesse de Foucault passa a ser em um outro tipo de análise histórica dos saberes, fundamentada nas relações de poder. A genealogia, apresentada por Foucault, tem o objetivo de explicar a emergência e transformações dos saberes, situados como um dispositivo político ou como peças de relações de poder (Machado, 2006, p. 157). Na terceira e última fase, voltada para o governo de si ou cuidado de si, o enfoque se desloca para a exploração de como o poder opera nos modos de subjetivação.

No período arqueológico, a aproximação com a história se dá desde a primeira publicação, *História da Loucura* (1961). É a questão da situacionalidade histórica que orienta as fundamentações metodológicas da arqueologia dos saberes desenvolvida pelo

filósofo. O método arqueológico busca trabalhar não mais com a história regular, da tradição e do rastro, mas com a descontinuidade, isto é, a ruptura, as transformações dos saberes e das condições históricas que os tornaram possíveis. Foucault (2008, p. 168), a partir da arqueologia, critica os historiadores tradicionais e suas tentativas de dominar as contradições presentes nos discursos e na própria história, criando assim uma história do contínuo, do progresso, da busca pela origem. Nesse sentido, o objetivo da arqueologia é demonstrar como algumas afirmações contraditórias podem existir e dividir o mesmo lugar no campo do conhecimento (Foucault, 2008, p. 171).

O interesse na historicidade perdura durante a fase genealógica, em que Foucault apresenta um novo tipo de abordagem metodológica. Em *Nietzsche, a genealogia, a história* (1971), Foucault esmiúça os trabalhos de Nietzsche para construir os fundamentos do que seria a genealogia. Ela é introduzida no ensaio como uma oposição ao retorno à origem, um trabalho caracterizado pela demarcação dos diferentes papéis desempenhados por saberes ditos como não possuidores de história (Foucault, 2000, p. 260). Isto é, a genealogia se utiliza da temporalidade para demonstrar as contradições e o dissenso que se apresenta no surgimento e nas transformações dos saberes, afastando-se, assim, do retorno à origem da história tradicional. Em uma abordagem foucaultiana, a genealogia concebida por Nietzsche, passa a ser centrada no entrecruzamento entre saber e poder, em que o poder será utilizado como instrumento para explicar o surgimento dos saberes (Machado, 2006, p. 158).

Na fase do cuidado de si, Foucault frequentemente retoma a Antiguidade greco-romana para explorar os modos de subjetivação, em que ele apresenta a genealogia de um “governo de si”, em oposição a um “governo do outro” baseado no poder pastoral que inexistia entre os gregos e os romanos. A partir de *História da sexualidade 1: A vontade de saber* (1977), Foucault passa a se debruçar sobre a arte de governar. Ele apresenta a gênese do governo do outro a partir do poder pastoral, introduzido em Roma pelo cristianismo primitivo. É apenas com o cristianismo que nasce a concepção dos homens como um rebanho obediente e de um pastor responsável por guiá-los. Esse poder exercido sobre os indivíduos será responsável também por produzir uma verdade subjetiva, através de técnicas como a confissão e a direção espiritual (Machado, 2006, p. 169).

Nos estudos de Foucault, a gestão dos indivíduos se apresenta também na racionalidade política produzida pelo Estado moderno. Foucault busca apresentar a emergência de uma governamentalidade que tem como objeto a população, a economia como saber e os dispositivos de segurança como sua base fundamental. Entretanto, a partir do enfoque na gênese do governo de si, apresentado em *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres* (1984) e *História da sexualidade 3: O cuidado de si* (1984), Foucault passa a privilegiar as “técnicas de si” e a “arte da existência”, práticas responsáveis por constituir os sujeitos. Desse modo, Foucault desloca suas análises de um poder normalizador para “os modos de subjetivação, em que o sujeito se constitui a partir de práticas que permitem ao indivíduo estabelecer uma determinada relação consigo” (Machado, 2006, p. 171). É especialmente nesse período que as considerações históricas sobre a Antiguidade greco-romana se tornam bastante frequentes.

Ainda que a história seja um elemento recorrente nas considerações de Foucault, o modo como ela a utiliza é bastante particular. Os aspectos temporais, ou condições históricas, são empregados nas análises foucaultianas como uma ferramenta que demonstra a mutabilidade histórica, em contraposição à abordagem essencialista da história tradicional (Dussel, 2004, p. 47), fundamentada na busca pela origem e pela ordenação dos acontecimentos em uma ordem linear teleológica. A temporalidade opera, desse modo, como um modo de evidenciar o dissenso e as contradições presentes no que se determina como a origem histórica dos saberes, na história tradicional. A história é responsável por revelar que a essência das coisas não é inerente a elas, mas algo completamente diferente, construído peça por peça por aspectos que lhe são exteriores (Foucault, 2000, p. 262-263).

O enfoque na rejeição de saberes imutáveis e de uma história essencialista denota alguns dos traços pós-estruturalistas do pensamento foucaultiano. São precisamente esses aspectos que se fazem presentes no pensamento de Kittler, revelados em seu interesse por um outro tipo de historicidade, que demonstra o caráter situacional e contraditório da própria história. Em linhas gerais, a trajetória intelectual de Kittler é constituída pela aproximação do pós-estruturalismo francês dos estudos literários e de mídia, que implica um domínio próprio, o da análise de discurso midiática (Winthrop-young; Wutz, 1999, p. xvi).

Kittler desarticula os fundamentos dos estudos literários e dos estudos de mídia em sua defesa de que as pesquisas em mídia deveriam ser também investigações sobre o processo de mediação. Do contrário, seriam apenas uma simples história da mídia e não estudos da mídia em si. Ele passou a advogar que o enfoque das análises dos estudos literários não deveria ser nos textos, mas nas condições de possibilidade discursivas oferecidas pelo canal de mediação. Nesse sentido, o foco dessas investigações deveria ser o que tecnologia de mediação permite que os discursos possam dizer.

Com frequência, Kittler é apontado como fundador do que se denomina como Teoria Alemã da Mídia (Telles, 2019, p. 27), que tem como objetivo investigar as condições de possibilidade da materialidade dos canais de mediação. Nesse sentido, ela aplica a base de uma ordenação metodológica sugerida por Foucault à materialidade técnica das mediações, deslocando a centralidade dos discursos para a própria mídia.

No domínio da historicidade, as pesquisas alemãs propõem que as mídias surgem a partir de condições ou situações particulares. Esse interesse pode ser observado também na defesa de uma história descritiva, presente no pensamento de Hans Ulrich Gumbrecht, colega de Kittler e autor da primeira geração da Teoria Alemã da Mídia (Telles, 2019, p. 22). O enfoque de Gumbrecht é na descrição das condições históricas e materiais que deram origem aos textos, em oposição à busca por seu significado (Felinto, 2001, p. 3).

Posto isto, nota-se, tanto nas considerações de Kittler como de Gumbrecht, um entrecruzamento entre condições de possibilidade dos canais de mediação — as mídias — e a historicidade. O cerne do pensamento germânico, a partir de Kittler, é justamente a materialidade dos canais de mediação associados a uma análise histórica. A Teoria Alemã da Mídia se aproxima da arqueologia foucaultiana em seu interesse pelas condições de possibilidade históricas, não do surgimento dos saberes, mas das possibilidades criadas pelos canais de mediação, que culmina no desenvolvimento de uma Arqueologia das Mídias Alemã. Contudo, também se acerca da genealogia em seu emprego da história e no seu interesse pela subjetivação.

Telles (2019, p. 21-27) argumenta que a Arqueologia das Mídias Alemã, desenvolvida a partir da arqueologia foucaultiana, busca escrever uma pós-história e produzir contra narrativas — deslocadas do progresso linear e sucessivo, em ruptura com as narrativas e a história tradicional —, um movimento bastante semelhante ao exercício

genealógico de Foucault, que busca se distanciar do modelo da memória, para construir uma contra memória, transformando a história em uma forma totalmente diferente de tempo, que se opõe à reminiscência e ao reconhecimento, à continuidade e à tradição (Foucault, 2000, p. 277).

Ainda que com frequência Foucault seja atribuído como um pilar fundamental na constituição do pensamento kittleriano (Wellbery, 1990, p. xi; Winthrop-young; Wutz, 1999, p. xvi), Kittler vai além do proposto por Foucault, deslocando os encaminhamentos metodológicos do filósofo francês para atender os interesses das suas próprias investigações. Nos deteremos sobre as aproximações e distanciamentos entre as perspectivas desses dois autores, a fim de compreender de modo mais aprofundado como seus pensamentos se entrecruzam.

3 FOUCAULT E KITTLER

As aproximações que se apresentam entre Foucault e Kittler se dão, sobretudo, por meio dos estudos da Arqueologia das Mídias Alemã. O desenvolvimento do método arqueológico foucaultiano estabeleceu a base formativa do que, mais tarde, se constituiria como Arqueologia das Mídias. A historicidade da linha germânica pauta-se em Foucault em sua defesa de uma história do descontínuo e da ruptura.

Enquanto a arqueologia foucaultiana se constrói em oposição à história das ideias: linear, sucessiva, contínua, do refinamento progressivo e do retorno às origens; a arqueologia alemã se constitui como uma negação de uma simples história da mídia.

A Arqueologia das Mídias é também a história dos abortos e das falhas (Telles, 2019), isto é, das rupturas, do descontínuo. Ela visa oferecer uma abordagem que constrói uma história alternativa e, muitas vezes, negligenciada, que não necessariamente aponta para um desenvolvimento completamente linear e progressivo. Ela executa um trabalho que Foucault denomina de negativo.

Por sua vez, a arqueologia foucaultiana se caracteriza como uma tentativa de explicitar as condições de possibilidade históricas atreladas ao surgimento dos saberes (Machado, 2006, p. 46). Sua unidade de análise são os discursos e as formações

discursivas. Ainda que muitas vezes trabalhe com a ciência, ela não consiste em uma história das ciências, seu campo de análise é outro, o dos saberes.

O saber é o domínio que surge a partir de objetos que podem ou não se tornar ciência. Ele é caracterizado por um conjunto de condutas e mudanças discursivas e é constituído como o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos. O saber é onde os conceitos aparecem, se definem e se transformam. De modo sucinto, as possibilidades de uso que o discurso oferece é o que funda o que Foucault (2008, p. 204-205) denomina de saber.

Posto isto, o saber se distancia da epistemologia, pois há saberes independentes das ciências. No entanto, como elucida Foucault (2008, p. 205), não há saber sem prática discursiva. Em vez de um método estável e preciso, como a epistemologia, baseado no rigor e na sistematização, a arqueologia é uma tentativa de dar conta do discurso científico atrelado a outros discursos. O território arqueológico do saber pode atravessar textos científicos ou não (como ficções, decisões políticas, regulamentos institucionais). Para a arqueologia pouco importa se os discursos têm presunção de cientificidade ou se, de fato, apresentam os critérios para serem considerados ciências, pois ambos aparecem nas formações discursivas, tendo o saber como fundo, e é esse o verdadeiro interesse da arqueologia.

No domínio do saber não há a centralização do sujeito, ele é propriamente situado e dependente. Em sua defesa da história do descontínuo e da ruptura, Foucault argumenta que a própria ideia de sujeito, e sua centralidade, são produtos de uma história contínua, relacionada às ciências sociais do homem. Nelas, o sujeito opera um papel duplo: como objeto de estudo das ciências empíricas — na medida em que a vida, o trabalho e a linguagem manifestam uma atividade humana; e como produtor fundamental de todo saber, por meio da filosofia (Machado, 2006).

O que a arqueologia faz é mostrar que os discursos não são algo que vêm do interior do indivíduo. Nem são regras exteriores que obrigam que os indivíduos pensem de um jeito específico. No entanto, é interessante destacar que, ainda que os discursos não sejam coercitivos, a arqueologia demonstra que eles surgem de um conjunto de condições que permitem que eles sejam ditos, ou seja, que levam ao surgimento de uma prática discursiva. Isto é, a arqueologia não discute uma tentativa de limitar o sujeito, mas sim as

regras que esse sujeito emprega quando cria um discurso e como seu discurso se relaciona com os outros (Foucault, 2008, p. 233).

Foucault (2008, p. 15) argumenta que, ao ser interrogado sobre o que o constitui como sujeito e ao falhar em responder a essas questões, o próprio homem e a sua centralidade reacendem o problema da história contínua, que tem como objetivo dominar as contradições e o dissenso. Ou seja, a história contínua essencializa a própria história, na busca de uma origem única que dá início a uma série de sucessões lineares. Desse modo, é de interesse da arqueologia agir na história do descontínuo, com o intuito de demonstrar como as contradições podem coexistir em um mesmo campo de conhecimento.

Assim sendo, a arqueologia comporta o processo de criação de uma realidade e de um saber, em que as reflexões que se fazem sobre os objetos são temporais, históricas e sociais. Como aponta Machado (2006, p. 66), o ponto principal da crítica realizada por Foucault no desenvolvimento do método arqueológico é que a história factual falha em reconhecer as diferenças entre um conceito e uma palavra. *História da Loucura* (1961) demonstra que, ainda que a loucura tenha se tornado uma patologia, especialmente por meio do discurso psiquiátrico, nem sempre foi desse modo. O louco como doente mental é um discurso com uma posição bastante específica e historicamente determinada. A arqueologia nos convida a compreender que o sentido conceitual é definido pelos discursos da própria época (Machado, 2006, p. 66).

A história é a base em que a arqueologia se dá. É a temporalidade e a especificidade das condições históricas dos discursos que conecta todos os apontamentos de Foucault. Ele inicia *A Arqueologia do Saber* (1969), livro em que apresenta de modo mais sistematizado a arqueologia, ressaltando a necessidade de uma história do descontínuo, pois é justamente nas rupturas, nas transformações do sentido conceitual, que a historicidade dos conceitos se revela.

Friedrich Kittler parte desse mesmo interesse histórico, que questiona a centralidade do sujeito ou do agente humano, em uma tentativa de advogar por uma exteriorização estrita da mídia, em que ela servirá também uma função ontológica, de constituição dos sujeitos, semelhante à abordagem genealógica de Foucault. Isto é, a descentralização do sujeito proposta por Foucault é herdada por Kittler. A abordagem

metodológica das pesquisas alemãs, a partir de Kittler, acaba flertando não só com a arqueologia, mas também com a genealogia, tendo sua experiência formativa em várias fases do pensamento foucaultiano. Ou seja, a descentralização do sujeito e as técnicas de subjetivação se materializam no pensamento de Kittler por meio da radicalização da exteriorização dos agentes humanos.

Kittler iniciou sua carreira como assistente de Gerhard Kaiser (Winthrop-young; Wutz, 1999, p. xvii), um dos maiores representantes da tradição hermenêutica germânica. Por meio da aproximação com o pós-estruturalismo francês — duramente criticado no território alemão —, ele será precursor da perspectiva pós-hermenêutica germânica. Com efeito, é possível observar nas análises feitas sobre os primeiros trabalhos de Kittler, argumentos muitos semelhantes aos utilizados nas críticas a Foucault, após a publicação de *As Palavras e as Coisas* (1966). Ambos são acusados de desdenhar da história e erradicar ou tirar a autonomia do sujeito, por meio do conjuramento de redes impessoais, deterministas e irracionais (Foucault, 2008, p. 223; Winthrop-young; Wutz, 1999, p. xvii).

Em uma perspectiva lacaniana e foucaultiana, Kittler defende e, de certo modo, radicaliza a descentralização do sujeito. Ele aproxima Lacan da cibernética de Shannon, deslocando as considerações lacanianas sobre circuito e *feedback* do campo da psicanálise e filosofia para o domínio da teoria da informação, apropriada pela perspectiva pós-hermenêutica. Kittler argumenta que a concepção lacaniana de que o inconsciente é o discurso do outro deve ser compreendida a partir da premissa de que o discurso do outro é, na verdade, o discurso do circuito (Winthrop-young; Wutz, 1999, p. xviii-xix).

Na Teoria Alemã da Mídia, sobretudo em Kittler, as mídias e sua materialidade técnica são condições para o surgimento dos discursos. Diferentemente de Foucault, que foca nos discursos, Kittler analisa as mídias como pré-condições. Seu interesse está nos mecanismos técnicos que permitem ou limitam o significado (informação/ruído), e não nos discursos em si. O foco de Kittler na materialidade técnica advém da aproximação dos estudos literários com os de mídia, visando discutir a transição da oralidade ao letramento, intensificada após a Segunda Guerra, com o rádio e tecnologias acústicas.

O retorno à oralidade a partir de tecnologias que manipulam e transmitem o som, sem que ele precise ser traduzido em escrita, desponta uma série de investigações voltadas para compreender a passagem da oralidade para o meio escrito. Estas pesquisas — muitas

delas publicadas originalmente no início da década de 1960, entre 1962 e 1963, como *A Galáxia de Gutenberg* (1962), de McLuhan, *Prefácio a Platão* (1963), de Havelock e *As Consequências do Letramento* (1963), de Jack Goody e Ian Watt, — estavam interessadas em mais do que a simples distinção entre oralidade e letramento. Seu objetivo era demonstrar os efeitos da própria materialidade da comunicação na cultura e no desenvolvimento de um viés cognitivo que nasce a partir das mídias. Essas mudanças, em grande parte imperceptíveis, só são possíveis de observar a partir de momentos de transição entre meios.

Wellbery (1990) afirma que Kittler propõe um historicismo radical, que abrange desde a oralidade até a literatura moderna. Em *Discourse Networks 1800/1900* (1990), Kittler divide a historicidade em dois momentos: 1800, que descreve o romantismo como produto do monopólio da imprensa e da alfabetização; e 1900, focado na crise da escrita moderna, em disputa com o fonógrafo e o cinema. A historicidade de Kittler, embora associe transformações técnicas a rupturas, não se baseia na divisão por meios (diferente de McLuhan), mas sim em rupturas históricas semelhantes às identificadas nos trabalhos de Foucault.

O estudo do saber da loucura em *História da Loucura* (1961) nos direciona a uma divisão histórica concretizada em três momentos: o Renascimento, a época clássica e a modernidade (Machado, 2006, p. 70). Essa mesma divisão se encontra presente nas rupturas das concepções de vida, trabalho e linguagem em *As Palavras e as Coisas* (1966) (Winthrop-young; Wutz, 1999, p. xxiii). Em *Discourse Networks 1800/1900* (1990), Kittler apresenta três momentos históricos que se aproximam dessas rupturas foucaultianas: a República dos Acadêmicos, que corresponderia ao Renascimento e ao período clássico; o recorte denominado de 1800, que se aproxima da modernidade foucaultiana; e 1900, que apontaria a emergência do pós-modernismo.

A obra *Discourse Networks* demarca uma abordagem pós-hermenêutica dos discursos e da história a partir do pressuposto da exterioridade. Kittler se contrapõe ao posicionamento hermenêutico, que busca resgatar não só o que foi dito, como também a interioridade do próprio sujeito, para assim, poder determinar como esse indivíduo daria significado ao mundo. Ele defende o que Foucault denomina de “pensar na exterioridade” (Wellbery, 1990, p. xii). Ou seja, em vez de analisar o que foi dito e o que isso pode

revelar sobre o sujeito que o disse, deve-se analisar as condições exteriores a ele. Wellbery (1990, p. xii) aponta que a abordagem da linguagem como um fenômeno exterior ao indivíduo se concretiza no vocabulário foucaultiano em termos como séries, eventos, descontinuidade e materialidade, à medida que, em Kittler, ela se revela no interesse em investigar os aparatos de poder, armazenamento, transmissão, programação e reprodução em uma rede de discursos. Desse modo, o objeto de análise de Kittler não seria o texto ou mesmo o discurso, mas o fato de que, quando algo é dito, as possibilidades do que pode ser dito estão inscritas no exterior do sujeito, isto é, na materialidade do canal. Assim sendo, Kittler concretiza o pós-estruturalismo francês em sua análise de discurso no deslocamento da análise do que é dito para uma investigação das especificidades históricas da tecnologia de mediação (o que as mídias permitem que seja dito).

É nesse sentido que Kittler apresenta uma ruptura com a análise de discurso foucaultiana. Ele critica Foucault por não refletir sobre a materialidade das práticas discursivas e por confinar suas análises estritamente aos discursos do meio impresso. Para Kittler, a hegemonia da linguagem escrita e tipográfica dos arquivos foucaultianos são uma suposição silenciosa de que o meio primário portador de significado é o meio escrito ou impresso, dificultando o emprego da análise de discurso a arquivos sonoros ou fílmicos (Winthrop-young; Wutz, 1999, p. xx).

O arquivo, para Foucault, é o conjunto de condições históricas que possibilitam o surgimento dos enunciados. Na perspectiva de Kittler, o canal de mediação implica uma série de regras do que pode ser dito e não dito. Desse modo, em sua tentativa de tecer uma crítica ao arquivo foucaultiano, Kittler argumenta que um conjunto de regras pensado primariamente para enunciados escritos ou impressos, não pode ser aplicado do mesmo modo em enunciados produzidos por canais que ordenam outras regras de formação discursiva, distintas daquela da escrita, como os arquivos sonoros ou fílmicos. Ou seja, ele cria sua análise diante das características distintas de cada meio de comunicação, como abordado pela Escola de Toronto de Comunicação.

Em outros termos, a ótica kittleriana defende que os enunciados sonoros do rádio, ou os enunciados óptico-sonoros do cinema, possuem regras de formação diferentes dos enunciados escritos. A análise de discurso, para o autor, precisa compreender quais são essas regras para poder ser concretizada no estudo desses discursos. Desse modo, o

interesse da arqueologia kittleriana é voltar-se especialmente para os aparatos de armazenamento, processamento e transmissão da comunicação da era pós-impressão.

Essa crítica ao arquivo, desenhada por Kittler, é pensada, a princípio, como o fundamento de uma abordagem discursiva voltada para o canal. Os arquivos que constituem os objetos de estudo de Foucault surgem como uma tentativa de responder questões bastante específicas de objetos particularmente bem delimitados, como por exemplo: a loucura e o encarceramento, a análise clínica, ou mesmo o surgimento das ciências humanas na modernidade (Machado, 2006). As investigações foucaultianas se interessam por elementos que constituem os saberes que estão abaixo do limiar da cientificidade (como ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais ou decisões políticas) sempre localizados historicamente, abandonando, assim, a priorização dos textos e da língua já que “um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” (Foucault, 2008, p. 31).

Nesse ponto, talvez seja mais produtivo sustentar que a divergência entre Foucault e Kittler não se organiza em torno de uma oposição simples entre discurso e materialidade, como se o primeiro desconsiderasse inteiramente a dimensão material das práticas. Em Foucault (2007), a exterioridade do discurso remete a um regime histórico de enunciabilidade, isto é, a um arquivo composto por regras, instituições, práticas e condições de emergência que excedem o sujeito e delimitam o que pode ser dito. Kittler, ao deslocar essa discussão para a materialidade técnica dos canais, radicaliza essa exterioridade e a concentra nos aparatos de armazenamento, transmissão e processamento da comunicação. Assim, mais do que afirmar uma ausência de materialidade em Foucault, convém observar que ambos operam com regimes distintos de materialidade: em Foucault, uma materialidade histórico-institucional dos discursos; em Kittler, uma materialidade técnico-midiática que redefine as próprias condições de formação dos enunciados. É precisamente nesse deslocamento que se evidencia, ao mesmo tempo, a herança foucaultiana de Kittler e o ponto em que ele rompe com ela.

Precisamente, ao observarmos mais atentamente as descrições foucaultianas, quando a materialidade surge, ela é descrita como referente a livros, manuscritos, textos, narrações, registros ou caracteres, com o intuito de demonstrar que muito mais que algo que constitui os enunciados, a materialidade opera como um instrumento com o qual se

pode escrever enunciados (Foucault, 2008, p. 96). Ou seja, ainda que, de fato, a materialidade seja apresentada a partir do que Kittler denomina de hegemonia da linguagem escrita e tipográfica, ela se consolida na análise de Foucault apenas como uma ferramenta de organização dos enunciados e como um modo de situar esses mesmo enunciados em coordenadas espaço-temporais, não como algo que operaria a lei do que pode ser dito. Nessa perspectiva, pode-se contemplar esta crítica de Kittler como um modo de apropriação da noção de arquivo foucaultiana na elaboração de uma análise de discurso a seu modo, centrada na materialidade da mediação, que, em sua perspectiva, seria a lei geral do que pode ser dito.

Em linhas gerais, a construção da trajetória intelectual de Kittler pode ser dividida em três momentos. Na década de 1970, advindo de uma tradição literária, seu foco era na análise de discurso. Já na década de 1980, seu enfoque passou a ser na tecnologização do discurso pela mídia elétrica. Na última fase, na década de 1990, sua atenção passou a ser no processo de digitalização das mídias (Winthrop-young; Wutz, 1999, p. xx).

O cerne do pensamento de Kittler é que a mídia determina nossa situação, e nossa ação sobre as mídias é um reflexo direto de como elas agem sobre nós. Ele argumenta que as máquinas não são meras cópias de atividades humanas, e a materialidade da mídia programa e condiciona. Nesse sentido, a mídia também individualiza e produz relações de poder, dialogando com a arqueologia e genealogia foucaultiana. Contudo, Kittler desloca as proposições de Foucault para sua própria análise do discurso, em um movimento similar à fase arqueológica de Foucault.

Nos estudos de Kittler, o termo Kulturtechniken pode ser relido como as técnicas impessoais e materiais para a produção de indivíduos: ou, em sua metáfora cibernética, como a série de protocolos e diretrizes endereçadas cujos outputs são sujeitos. [...] No limite, as Kulturtechniken irão reconhecer o humano como um projeto inacabado, sempre porvir. A humanidade não seria um fato a priori e comum a todos os seres humanos, mas algo a ser conquistado. Neste momento, a TAM fecha o seu círculo ao apontar que o indivíduo é o produto, inseparável, de suas mídias (Telles, 2019, p. 22).

Nesse sentido, pode-se observar que a perspectiva ontológica da mídia, presente no pensamento kittleriano, é uma remodelação cibernética da descentralização do sujeito pós-estruturalista. Para Kittler, em vez de nos voltarmos para como os discursos podem

ser interpretados pelos sujeitos — ou como os indivíduos podem atribuir significados aos discursos —, em um movimento contrário, nossa atenção deveria se transferir para a superfície, diante da exteriorização dos próprios meios. Os discursos são produzidos no exterior dos indivíduos, a partir do que a materialidade dos canais de mediação permite que seja dito ou não dito. Seu interesse de análise se condensa em compreender de que modos a mídia programa os sujeitos e a cultura, a partir das regras e condições históricas que impõe nas formações discursivas.

De modo conciso, o que particulariza e distingue os estudos de Kittler é o surgimento de uma análise de discurso midiática, que compreende os discursos como produtos das condições de possibilidade dos próprios canais de mediação e de sua materialidade histórica. Ele resgata as condições históricas de Foucault e as desloca do discurso para as mídias. Nessa perspectiva, o interesse de suas análises não é nos significados dos discursos, mas o que as tecnologias midiáticas permitem que eles possam significar ou não. Desse modo, a materialidade tecnológica e suas operações contribuem diretamente para uma programação dos sujeitos. Quando Kittler concebe sua análise de discurso, ele está menos interessado no que o texto diz e muito mais em quais são os mecanismos que permitem o que é dito, ou seja, no sistema de regras de produção de sentido. Em suma, o trabalho de Kittler pode ser lido como uma combinação da análise de discurso, da psicanálise estruturalista, a partir de Lacan, e da primeira geração da Teoria da Mídia, fazendo surgir, desse modo, um domínio próprio, o da análise de discurso midiática (Winthrop-young; Wutz, 1999, p. xvi).

4 CONSIDERAÇÕES

Os dois principais pontos que concretizam a aproximação entre os pensamentos de Foucault e Kittler são a situacionalidade histórica e a análise de discurso. Kittler herda das proposições de Foucault diversas premissas e encaminhamentos dos quais se apropria para criar uma análise de discurso a seu modo, servindo os interesses de suas investigações.

É o pós-estruturalismo francês que inicia e desponta os interesses de investigação da trajetória intelectual de Kittler. As proposições foucaultianas podem ser observadas no

pensamento kittleriano por meio: a) da rejeição às análises estruturalistas; b) do interesse no discurso e não nos textos; c) da descentralização do sujeito; d) da exteriorização dos discursos, concebidos não mais como algo que se dá no interior dos indivíduos; e) do enfoque nas técnicas e tecnologias de subjetivação; f) da compreensão de que dos discursos são historicamente localizados; e g) do emprego de abordagens históricas baseadas em rupturas discursivas.

É também em alguns desses pontos que se apresentam seus distanciamentos. Enquanto que Foucault possui uma abordagem estritamente discursiva e a materialidade das práticas discursivas só aparece como um modo de localizar o sujeito no discurso, a tecnologia de mediação é a centralidade das análises de Kittler, que muitas vezes tece “longas descrições das materialidades da comunicação, beirando as especificidades técnicas tanto dos suportes como dos materiais com que são feitos” (Telles, 2019, p. 57). Ele constrói essa perspectiva em crítica a ausência de uma reflexão sobre a materialidade das práticas discursivas por parte de Foucault, que implica uma análise de discurso pautada primariamente em regras de formação de enunciados escritos ou impressos. As tecnologias de mediação, na perspectiva de Kittler, ordenam regras distintas de formação de enunciados, portanto, a análise de discurso precisa ser voltada para o que cada canal permite que seja dito ou não dito.

O viés kittleriano também desloca e radicaliza algumas concepções foucaultianas, como a descentralização do sujeito e a exteriorização do discurso. Para Kittler, a mediação é a condição geral para que os discursos ocorram, eles só podem existir, pois há um canal que os materializa. Assim sendo, a abordagem kittleriana é pautada no afastamento completo dos agentes humanos. Para Foucault, o arquivo, isto é, “a lei do que pode ser dito”, ou o sistema de condições históricas que regem o surgimento dos enunciados, é muito mais complexo do que a simples materialidade dos canais, como Kittler propõe. Desse modo, a exteriorização dos discursos não poderia ser reduzida às condições históricas do canal de mediação. A série de regras que o sujeito emprega quando cria um discurso seria de diversas ordens e historicamente localizada: o que pode ser dito, o que pode ser reativado, o que pode ser conservado e de que forma os discursos podem ser apropriados.

A análise de discurso midiática de Kittler difere da foucaultiana ao transferir a centralidade dos discursos para as condições históricas dos canais de mediação. Tais aproximações e distanciamentos entre Foucault e Kittler serão sistematizadas na figura a seguir.

Dimensão da análise	Análise de discurso foucaultiana	Análise de discurso midiática kittleriana
Unidade central da análise	Tem o discurso como unidade de análise. Busca explicitar as regras de formação dos discursos e suas condições históricas.	Tem a tecnologia de mediação como unidade central de análise. Foca no canal, na materialidade e em suas condições históricas.
Abordagem da materialidade	A materialidade serve apenas para localizar o sujeito no discurso, ou como instrumento de organização dos enunciados.	É central e empregada na descrição de especificidades técnicas dos suportes materiais dos discursos.
Papel do sujeito	Descentraliza o sujeito e o apresenta como propriamente situado e dependente. O sujeito é abordado com a intenção de demonstrar que os discursos não são algo que vem do interior do indivíduo.	Radicaliza a descentralização foucaultiana, a partir de um afastamento completo do agente humano. É pautado na exteriorização radical da produção de discursos e da formação da subjetividade (constituídas a partir do canal).
O arquivo	Definido como o sistema de regras que regem o surgimento dos enunciados em determinadas condições históricas.	Pautado nas condições históricas e especificações técnicas do canal de mediação. O canal determina o que pode ser dito e programa os sujeitos.
Interesse central da análise	Responder a indagações específicas sobre objetos bastante delimitados. Opera a partir da análise dos discursos e de suas condições históricas.	Responder a questões que surgem da aproximação entre estudos literários e midiáticos, deslocando a centralidade dos discursos para as tecnologias de mediação.

Quadro 1 – Tabela de comparação entre as dimensões de análise foucaultiana e kittleriana

Fonte: Elaborado pelos autores⁴

⁴ Durante a preparação deste trabalho, os autores utilizaram a ferramenta Gemini 3 Pro para elaboração de uma sistematização básica dos conteúdos do quadro, utilizando algumas das categorias e itens sugeridos pela ferramenta e adaptando os apontamentos propostos às necessidades da pesquisa. Após o uso desta ferramenta, os autores editaram o material em conformidade com o método científico e assumem total responsabilidade pelo conteúdo da publicação.

Essas rupturas em abordagens se dão, sobretudo, devido aos enfoques e interesses distintos dos autores. Enquanto Foucault se volta para os discursos como sua unidade de análise e direciona sua atenção para a historicidade das regras de formação dos enunciados, Kittler se dedica aos aspectos materiais das tecnologias de mediação.

Ainda que Foucault utilize o termo tecnologia com uma certa frequência, especialmente a partir de sua fase genealógica, seu uso é particular, pertinente à análise de objetos bastante demarcados e delimitados (Machado, 2006). Quando Foucault se refere a tecnologias, ele não alude ao seu emprego usual, de ferramentas ou máquinas, assim como Kittler, mas sim a um conjunto de mecanismos que operam no controle dos corpos dos indivíduos, como um sistema. Esses mecanismos podem remeter de fato a artefatos tecnológicos, como o estetoscópio e o rifle (Matthewman, 2013), mas podem também tratar de qualquer objeto, prática ou instituição que comande alguma ação, que demande discursos e não discursos. Desse modo, ele acaba por empregar um uso extremamente amplo da tecnologia, deslocando o termo de qualquer significado concreto.

No entanto, é interessante ressaltar que Foucault se aproxima do termo tecnologia diante de circunstâncias bastante singulares de análises particularizadas (c. Gouveia; Barbosa; Borges, 2025). Machado (2006, p. 163) aponta que o poder e a tecnologia surgiram como respostas a questões levantadas pelo interesse de Foucault em estudar a história da penalidade, a partir do uso de tecnologias próprias do controle sobre os indivíduos enclausurados. Foucault observou que essas tecnologias não estavam presentes unicamente na prisão, mas podiam ser encontradas em outras instituições, como o hospital, a fábrica e a escola. Ainda que suas considerações possam parecer generalistas, quando Foucault emprega o termo tecnologia é com o intuito de responder a questões extremamente específicas referente a objetos excepcionalmente demarcados (Machado, 2006, p. 163).

É sobretudo a crítica tecida por Kittler à abordagem discursiva foucaultiana que marcará os distanciamentos na trajetória intelectual dos dois autores. Ao apropriar-se da noção de arquivo na proposição de uma análise voltada para a materialidade do canal, Kittler constrói os argumentos que fundamentam uma análise de discurso a seu modo.

Em suma, pode-se atestar que, ainda que seu desinteresse pela materialidade das práticas discursivas configure uma série de críticas, o enfoque de Foucault reside

estritamente em responder a questões particulares que surgem a partir de inquietações específicas e é através da análise dos discursos, e de suas condições históricas, que ele busca responder a esses problemas. De modo semelhante, a centralidade nas tecnologias de mediação e a análise de discurso midiática de Kittler surgem de um interesse bastante similar em responder a inquietações particulares, que emergem com a aproximação dos estudos literários e dos estudos de mídia, e que, para Kittler, estão inscritas na própria materialidade das mídias.

REFERÊNCIAS

- CHARTIER, Roger. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. São Carlos: EdUFScar, 2012.
- DUSSEL, Inés. Foucault e a Escrita da História: reflexões sobre os usos da genealogia. **Educação & Realidade**, v. 29, n. 1, 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25418>. Acesso em: 30 out. 2025.
- FELINTO, Erick. Materialidades da Comunicação: Por um Novo Lugar da Matéria na Teoria da Comunicação. **Ciberlegenda**, n. 5, Rio de Janeiro, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia, a história. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos II: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 260-281.
- GOUVEIA, Diego; BARBOSA, Rodrigo; BORGES, Sheila. A Contribuição do Conceito de Tecnologia em Foucault para a Compreensão de Gênero e Sexualidade na Teoria Queer. **Ideação**, n. 51, v.1, p. 271-288, jan-jun 2025. DOI: <https://doi.org/10.13102/ideac.v1i51.11321>. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/revistaideacao/article/view/11321>. Acesso em: 25 mar. 2026.
- MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- MATTHEWMAN, Steve. Michel Foucault, Technology, and Actor-Network Theory. **Society for Philosophy and Technology Quarterly Electronic Journal**, n. 17, v. 2, p. 274-292, mar 2013. DOI: 10.5840/techne201317210. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/269955985_Michel_Foucault_Technology_and_Actor-Network_Theory. Acesso em: 30 out. 2025.
- TELLES, Marcio. **Teoria Alemã das Mídias: mídia, história, cultura e técnica no território comunicacional alemão**. 2019. 183 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- WELLBERY, David. Foreword. In: KITTLER, Friedrich. **Discourse Networks 1800/1900**. Stanford: Stanford University Press, 1990.
- WINTHROP-YOUNG, Geoffrey. **Kittler and the Media**. Cambridge, Reino Unido: Polity Press, 2011.
- WINTHROP-YOUNG, Geoffrey; WUTZ, Michael. Translators' Introduction. In: KITTLER, Friedrich. **Gramophone, Film, Typewriter**. Stanford: Stanford University Press, 1999.

Original recebido em: 14 de abril de 2026

Aceito para publicação em: 04 de maio de 2026

Rodrigo Miranda Barbosa

Professor do Núcleo de Design e Comunicação (NDC) e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Inovação Social (Póscom) do Centro Acadêmico do Agreste (CAA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Maria Roseane de Oliveira Cavalcanti

Mestranda em Comunicação e Inovação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Inovação Social (Póscom) do Centro Acadêmico do Agreste (CAA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e graduada em Comunicação Social com ênfases em Mídias Sociais e Produção Cultural pelo Centro Acadêmico do Agreste (CAA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Diego Gouveia Moreira

Professor do Núcleo de Design e Comunicação (NDC) e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Inovação Social (Póscom) do Centro Acadêmico do Agreste (CAA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional